



RUA ATOR PAULO GUSTAVO: OLHAR NITERÓI COM OLHOS NITEROIENSES E A ATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA URBANA

Rodrigo Pereira da Silva Rosa¹

Recentemente, a morte do ator Paulo Gustavo, vítima de Covid-19, deixou grande parte da população fluminense bastante consternada, tanto pelas circunstâncias da morte em si, quanto pelo modo como Paulo Gustavo significou a cidade de Niterói. Niterói já foi a capital do estado fluminense, à época em que a cidade do Rio de Janeiro era a capital do país, de 1763 até 1960. Antes disso, porém, no século XVI, são os indígenas da região – os Temiminós, do grupo Tupi -, comandados por Arariboia, que ajudam os portugueses a derrotarem os franceses. Com a mudança da capital do país para Brasília, Niterói perde em importância política e passa a ser nomeada como “cidade-dormitório” e, mais frequentemente, como a cidade “com a mais bela vista do Rio”.

É a partir dessas condições de produção que propomos a compreensão da cidade de Niterói, observando a relação de significação dos sujeitos, da história e do acontecimento. Como Niterói foi significada pelo olhar de Paulo Gustavo? Quais são os sentidos que insurgem quando o filho ilustre da cidade sai de cena e é presentificado na principal avenida da zona sul e de outros locais da cidade?

Com aporte teórico na Análise de Discurso, e como niteroiense, nossos objetivos se resumem em:

- (i) discutir, com base em Pêcheux (1975), o funcionamento das formas determinação e a constituição da forma-sujeito;
- (ii) pensar a relação, com base em Orlandi (2012), entre ordem e organização no espaço urbano, trabalhando com o real da cidade e o imaginário sobre a cidade;
- (iii) refletir sobre os muitos deslocamentos no bojo da memória, a partir da administração da cidade, quando se muda o nome de uma avenida, antes homenageando um coronel – Moreira César, conhecido como o General Cortador de Cabeças –, para o nome de Paulo Gustavo; tomar, aqui, com base em Souza (2006 e 2011, e outros), o papel da imagem na constituição da memória e como se textualiza o político no âmbito do não verbal.

INTERPRETAÇÃO, DISCURSIVIDADE E FUNCIONAMENTO DA DETERMINAÇÃO

Para a Análise de Discurso, não há sentido sem interpretação, mas o analista procura determinar que gestos de interpretação trabalham a discursividade que é o objeto da sua análise (ORLANDI, 2004, p.

¹ Mestre e Doutorando em Linguística pela UFRJ. Pesquisador do LABEDIS/MN/UFRJ. E-mail: rodrigopereira@letras.ufrj.br

25). Nossa proposta adota assim, dentre vários princípios teóricos, a determinação como definido em Pêcheux (1975).

Sobre o funcionamento da determinação, Pêcheux (1975, p. 100), em contraponto com Frege, observa que:

o “ponto decisivo, essa designação pelo nome próprio implica, correlativamente, a possibilidade de designar “a mesma coisa” por uma perífrase, tal como “aquele que descobriu (etc.)”, “a cidade que é a capital da Alemanha”, “o segundo dos planetas que gravitam ao redor do Sol”; o que significa dizer que aos nomes próprios “simples” correspondem necessariamente a nomes próprios “compostos”, não lexicalizados, mas sim construídos por diversos funcionamentos sintáticos, [...] dentre os quais “aquele que...”.

A indeterminação inscrita em “aquele que...”, ainda em Pêcheux, se encontra tanto no discurso do aparelho jurídico, quanto no funcionamento do ‘cotidiano’. E, justamente, pelas leis do cotidiano, Niterói fica conhecida como “a cidade que tem a mais bela vista do Rio”, e como consequência de dá a confirmação disso no próprio imaginário sobre a organização da cidade, quando projetada pelos especialistas e administradores: os melhores hotéis, restaurantes e os mais caros prédios de moradia têm como apelo a vista do Rio.

Figura 1 – Paulo Gustavo, interpretando Dona Hermínia – sua personagem de maior sucesso – na praia de Icaraí, Niterói (ao fundo, a vista para o Rio de Janeiro)



Fonte: Jornal O Globo

Figura 2 – Vista de Niterói para o Rio de Janeiro com a barca que faz o transporte de pessoas na travessia entre as duas cidades (ao fundo, a vista para o Rio de Janeiro)



Fonte: CCR Barcas

À guisa de ilustração do funcionamento da organização, temos, por exemplo, o ato do prefeito Rodrigo Neves que, através do decreto de nº 11.361/2013, troca o ícone-símbolo da Prefeitura de Niterói: a imagem de Arariboia passa a ser substituída pela fachada do Museu de Arte Contemporânea. Pelo mesmo movimento da organização/administração está, assim, por deliberação da Assembleia Legislativa, através

da Lei de nº 3588/2021, sancionada pelo então prefeito Axel Grael, a troca do nome da Rua Coronel Moreira César para Rua Ator Paulo Gustavo.

Figura 3 – Placa com o nome do antigo homenageado: Coronel Moreira César



Fonte: Prefeitura de Niterói

Figura 4 – Substituição da Placa e renomeação da antiga Rua Coronel Moreira César para Rua Ator Paulo Gustavo



Fonte: Diário do Rio

POR QUE A HOMENAGEM?

As razões de ordem prática recaem sobre a forma como Paulo Gustavo, nascido e criado em Niterói, reverte o percurso do olhar: é sobre Niterói, o espaço em que ele sempre se sentiu em casa, que recaem as lentes do seu trabalho, focalizando praças, ruas, casas, monumentos, praias. Orlandi (2012), ao propor a diferença entre “ordem” estando para o real da cidade” e “a “organização” [no caso, urbana] estando ligada ao imaginário projetado sobre a cidade pelos seus habitantes, especialistas do espaço, administradores, vai pensar a relação entre o real e a organização da cidade trabalhando com o par “a casa e a rua”, essencial a se entender o espaço urbano e as relações sociais que aí se dão. Buscar entender tal relação casa/rua é poder entender os modos de ser dos sujeitos e seus processos de significar a casa e a rua numa relação estreita.

Nosso objeto difere do de Orlandi (2012) que, em termos amplos, discute aí a materialidade da cidade e seus espaços, tomando para reflexão condomínios e favelas. Exploramos as formas como Paulo Gustavo investe na cidade outro olhar, no caso aquele de quem conhece e se reconhece na cidade e busca no âmago da historicidade própria a Niterói o real da cidade. Niterói entra na rota do turismo e passar a ser atração para os próprios habitantes e para tantas outras pessoas que querem conhecer a Niterói do ator. E, então, outras formas de determinação se instituem: aquele é o prédio onde Paulo Gustavo morou, aquela é a praça onde ele sempre brincou, essa é a confeitaria onde tomava café todos os dias, aquela é a mesa onde ele se sentava. Revelar a sua forma como significou a cidade acabou por intervir na organização da

cidade a tal ponto que os administradores resolvem ratificar essa reorganização cunhando a rua que leva o seu nome.

Assim a cidade se materializa através do olhar de Paulo Gustavo. O antigo homenageado – Coronel Moreira César – conhecido no século XIX, como o “cortador de cabeças” e elogiado pela sua força repressora a qualquer ato contra o Estado – perde seu lugar de destaque na organização de Niterói, apesar de ser desconhecido para os habitantes da cidade. Nitidamente, temos a intervenção na memória através do apagamento da face desconhecida de Moreira César com a sobreposição do notório filho da cidade, ator, comediante e amante das artes. Tais movimentos nos permite recuperar aqui o conceito de policromias trazido por Souza (2001): correlações de imagens, ângulos e cores, que relevam ao olhar e que explicitam como se materializa o político no âmbito do não verbal. O real da cidade, com seu real de história, sempre identificava Niterói, mas o seu real potencial político-ideológico parece que escapava aos administradores. Não mais: o investimento de um gesto administrativo com o descerramento de uma placa de rua intervém na memória da cidade. Eis o papel da imagem como operador da memória, como discute Souza (2006, 2011).

Figura 5 – Estátuas do ator Paulo Gustavo e de sua personagem, Dona Hermínia, instaladas no Campo de São Bento, em Niterói



CONCLUSÃO

A vivência de Paulo Gustavo e os trajetos que fazia pela cidade de Niterói poderiam ser significados como práticas do cotidiano no espaço urbano. Com sua morte inesperada e impactante, dadas as circunstâncias da mesma, esses hábitos cotidianos passam a ser significados como um acontecimento discursivo.

Com base em Pêcheux (1990), lembramos que ao se fazer trabalhar o acontecimento – a morte do ator – em seu contexto de atualidade e no espaço da memória que este convoca, instaura-se uma (re/des)organização do espaço urbano: Niterói, a cidade de Paulo Gustavo. Confirma-se, enfim, o processo de determinação através do deslocamento de perífrases.

REFERÊNCIAS

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

PÊCHEUX, M. **O discurso** – Estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

ORLANDI, Eni P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

SOUZA, T. C. C. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Rua**, Campinas, v. 7, 2001.

SOUZA, T. C. C. Discurso e imagem: uma questão política. *In*: LENZI, L. H. C.; DA ROS, S. Z.; SOUZA, A. M. A.; GONÇALVES, M. M. (org.). **Imagem**: intervenção e pesquisa. 1. ed. Florianópolis, SC: NUP, 2006. p. 79-101.

SOUZA, T. C. C. Imagem, textualidade e materialidade discursiva *In*: **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi. 1. ed. Campinas, SP: Editora RG, 2011. p. 387-400.